

Helena mergulha no universo feminino

Cida Golin

Ao mesmo tempo que divide, num curso com atores profissionais, sua obsessão pela profundidade da opção teatral, Helena Varvaki estréia, hoje, na Sala Qorpo Santo, a peça "A Via Crucius do Corpo". A montagem, com direção do carioca Manoel Prazeres, tem o mesmo nome de um livro de Clarice Lispector. E são os contos "Via Crucius", "O Corpo" e "Miss Algrave" que dão o fio condutor desse mergulho multifacetado no universo feminino. Em cena, um palco despido. Apenas objetos prosaicos (bonecos de madeira, copo de vinho, cadeira, punhal, sino japonês, entre outros) que ganham dimensão no contraponto com a atriz durante 45 minutos.

Entre as várias imagens de um texto aparentemente linear (com início, meio e fim), desponta a trajetória de Maria das Dores, uma mulher que acredita estar grávida, apesar de virgem. Na verdade, a idéia do espetáculo, esboçada no final de maio de 1987, partia de outra personagem: a noiva de García Lorca em Bodas de Sangue. A partir desse tema, surgiram várias improvisações. As improvisações viraram cenas e, no final, entraram os contos para conduzir os fragmentos cênicos. O resultado foi um texto, que estreou em outubro do ano passado, na Casa Rui Barbosa (Rio de Janeiro), com as palavras integrais de Clarice Lispector. A narrativa linear é interrompida em dois momentos, quando a atriz dedica cenas tanto à noiva, quanto à mãe em Bodas de Sangue. "Existe um contato direto com o espectador, seja pelo que eu digo, seja pelo que a minha voz faz", diz Helena. O trabalho vocal intenso significa explorar as várias nuances da voz cotidiana de uma pessoa, que afasta ou aproxima o público do personagem. Junto com Helena Varvaki, contracena o ator Arquimedes Bibiano. Ele não está no palco, mas participa como um espectador, observando, comentando, reagindo através de ruídos e de um instrumento musical.

"A Via Crucius do Corpo" fica em cartaz até domingo. Enquanto isso, Helena coordena o curso "ator em treinamento" na UFRGS. Basicamente, ela trabalha três elementos: o aquecimento, possibilidades do ator (acrobacia, elementos de dança, voz) e criação de pequenos fragmentos de cenas a partir de um objeto estranho ao corpo do artista. A atriz de 25 anos também dá aula de expressão corporal na Casa de Artes de Laranjeiras no Rio de Janeiro. Ela saiu de Porto Alegre, aos 16 anos, e foi para a Grécia estudar teatro. Passou pela Escola de Teatro Clássico P. Katselis, frequentando, ao mesmo tempo, um estúdio experimental onde entrou em conta-



Mário Grisolli / Divulgação

Atriz e professora, ela estréia "A Via Crucius do Corpo", de Clarice Lispector

to com Grotowsky e Eugène Barba. Por sinal, Barba norteia o trabalho de Helena há oito anos. "É uma experiência de vida, assim como beber água ou ter um filho", metaforiza.

Segundo a atriz, as experiências desse teatrólogo de 52 anos, cujo centro principal de trabalho está em Holstebro, Dinamarca, residem em retirar todas as barreiras físicas, emocionais e psicológicas do ator para ele revelar, ao máximo, sua emoção no momento da ação cênica. Isso não significa entrar em transe, mas dilatar a presença cênica, até para dilatar a percepção do espectador. "Assistir ao *Odin Theatret*, grupo de atores de Barba, me toca como se fosse música, além da camada consciente de percepção", lembra. Além disso, Barba fundou, em 1979, o ISTA (Escola Internacio-

nal de Teatro Antropológico), onde estuda, em diferentes culturas, o comportamento do ator na hora da representação. A preocupação é científica: tornar o teatro uma ciência, sem deixar de lado suas características inerentes. O teórico ainda é inédito no país, mas é possível que neste ano a editora da Unicamp edite alguns títulos de Barba.

No Brasil, Helena trabalha há quatro anos com Manoel Prazeres, numa colaboração mútua entre diretor e ator. Eles vieram a Porto Alegre à convite de Sandra Dani e com a infra-estrutura da Universidade através do Departamento de Artes Dramáticas. Quanto à realidade teatral brasileira, eles afirmam cientes da dificuldade de sua opção: "No momento, existe uma predominância do teatro de diretor,

uma realidade ultrapassada, mas historicamente justificável sob o ponto de vista do caos econômico e político do país, onde até é difícil justificar a existência da cultura em geral. Ela passa por inutilidade. Além disso, existe uma guilhotina no teatro: a influência e a confusão que a linguagem televisiva gera não só nos atores e nos textos, como no público também", analisa Manoel. E Helena complementa: "Eu que sou professora, me deparo sempre com a realidade do aluno e seu confuso desejo de ser ator. Não sabem exatamente o porquê da sua opção e caem num mercado saturado, com uma idéia preliminar do que você tem que estar disponível para fazer cinema, teatro e tevê. São linguagens diferentes, no mínimo atores com formações diferentes".